

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Diário da Manhã*

Class.: 140

Data: 15.02.84

Pg.:

### C O N F L I T O

## Cinta Larga: um povo resiste aos massacres

José Calixto de Alencar

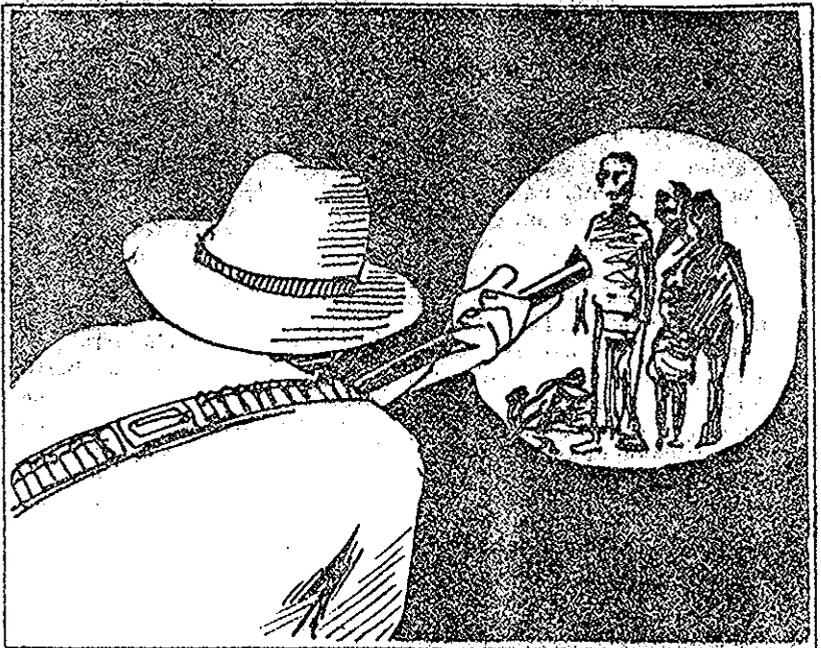
Cuiabá — Os primeiros contatos amistosos dos Cinta Larga com a sociedade nacional e a população envolvente deram-se com as frentes pioneiras extrativistas que avançaram sobre seu território em busca de matas ricas e seringueiras. Este contato se mostrou, num primeiro momento, desastroso para os Cinta Larga. No início da década de 70, a Funai estimava sua população num total aproximado de 5 mil indivíduos, tendo em vista o número de malocas localizadas através de levantamento aéreo de toda região. Hoje os Cinta Larga estão reduzidos a menos de mil.

Sendo um grupo guerreiro em expansão, que frequentemente enfrentava outros povos indígenas (Surui, Mambikwara, Saluma, Arara, Canoeiros e outros): Os Cinta Larga reagiram à invasão ao seu território, desenvolvendo uma guerra prolongada em diversas frentes. Merecem atenção também as campanhas pela "limpeza da área" promovidas por seringalistas. Ficou tristemente famoso o "Massacre do Paralelo 11", cometido pela firma Arruda Junqueira, entre os anos 50 e 60, quando foi eliminada a quase totalidade das malocas Cinta Larga, entre os rios Juruena e Aripuanã.

#### MASSACRES E DOENÇAS

Além dos massacres sucessivos, outras causas contribuíram para o etnocídio dos Cinta Larga. Como as doenças, principalmente a gripe, trazidas pelas frentes de atração e pela população regional, que foram avançando sobre seu território tribal. Para citar apenas um exemplo: os Cinta Larga, que saíram da Vila de Aripuanã em 1.974, contraíram uma séria gripe logo na segunda visita à Vila, em meados daquele ano. Como consequência, nos dois anos seguintes, as epidemias de gripe foram responsáveis pela morte de cerca de 50 por cento deste grupo.

Tanto nos postos indígenas, atendidos pela Funai ou sob responsabilidade da administração do parque, quanto na área indígena de Aripuanã, atendida pela Opan (Operação Anchieta), a problemática de saúde continua grave. A situação na área indígena de Aripuanã é mais agravante ainda, pela presença constante de garimpeiros e outras frentes invasoras.



#### A SITUAÇÃO HOJE

As novas doenças — gripe, pneumonia e a malária, doença endêmica na região, são as principais causas dos óbitos ocorridos atualmente. A taxa de mortalidade infantil é impressionante, impossibilitando a própria reprodução biológica do grupo, isto é, o número de crianças que ultrapassa a faixa crítica dos dois anos de idade mostra-se inferior ao número de óbitos totais verificados.

O fascínio que os bens da civilização (ferramentas, roupas, lanterna, açúcar, etc. e, claro, remédios) vem exercendo sobre os Cinta Larga, é um dos motivos que levam aqueles índios a fazerem frequentes "passeios" e "visitas" aos garimpos, fazendas, vilas e, agora, o acampamento das construtoras.

Uma dessas "visitas", que ficou particularmente conhecida, foi a chamada "Pacificação", realizada pelos Cinta Larga, muito bem documentada na reportagem "O índio pacifica o branco" do ex-correspondente do jornal "O Estado de São Paulo" e "Veja" em Mato Grosso, jornalista Mário Chimanovitch, e confirmada por depoimentos dos moradores de Aripuanã, entre os quais o ex-prefeito Sebastião Otoni e os próprios índios.

Em outubro de 1973, três índios deixaram presentes para uma equipe de botânica do Inpa, que realizava pesquisas na margem esquerda do rio Aripuanã, próximo

ao Salto das Andorinhas. No dia 11 de janeiro do ano seguinte, 69 índios, entre guerreiros e crianças, entraram na Vila de Aripuanã, distribuindo colares, cocares e outros enfeites aos moradores que iam encontrando pelo caminho, tentando, desta forma, estabelecer relações de amizade com os "civilizados". Consequência: epidemias e surtos de doenças, gerando nova mortandade.

Dez anos depois do gesto amistoso dos Cinta Larga, a situação só piorou. Novos massacres ocorreram. O último deles, em 1.972, quando 12 índios desapareceram misteriosamente, sem que a Funai tomasse qualquer providência. As doenças, da mesma forma, continuam grassando e fazendo inúmeras vítimas. As invasões por parte dos garimpeiros são constantes e provocam apreensão entre os índios que vêem seu território invadido.

A presença dos trabalhadores na construção da usina no rio Aripuanã, é mais uma agressão, não apenas ao seu território, mas aos costumes e à cultura de um povo que resiste há 30 anos aos massacres, às invasões das chamadas frentes pioneiras, garimpeiros e outros invasores. Além das doenças, o contato indiscriminado, como ocorre agora, gera inclusive a prostituição. Os índios, mais uma vez, pagam o preço de um progresso do qual não participam e sobre o qual não foram consultados.